

Btca MYM
Folheto AmM
1210



MÁRIO F. SIMÕES

OS "TXIKÃO" E OUTRAS TRIBOS MARGINAIS
DO ALTO XINGU

Separata da
"REVISTA DO MUSEU PAULISTA"
Nova Série — Volume XIV

SÃO PAULO
1963

SEC-39592
-3100-



OS "TXIKÃO" E OUTRAS TRIBOS MARGINAIS DO ALTO XINGU

por

MÁRIO F. SIMÕES

Na região dos formadores do Xingu, além daqueles grupos indígenas componentes da chamada "cultura xingwana" ou da "área cultural do Alto Xingu" (Galvão, 1960:28-29), outras tribos indígenas não participantes dessa cultura, isto é, marginais à área, distribuem-se pela periferia, exercendo muitas delas certa pressão política sôbre algumas das aldeias xinguanas, como fizeram os Kayapó, Suyá e Yarumá, no passado, e, atualmente, os Txikão.

A existência de tribos marginais e hostis no Alto Xingu é conhecida desde as primeiras expedições ali realizadas. Assim, Steinen cita os Cuiaáus, do Ronuro (1885: 70), os chamados "carajás" (1942: 214 e 278), os Manitsauá (idem: 250), os Yarumá ou Arumá (1940: 149-150), e os Kabishí e Kayapó (idem: 191). Meyer aponta como sendo dos Kayapó os vestígios por êle encontrados, quando de sua descida pelo rio Formoso, em 1899 (1900: 122), e atribui aos Kabishí uma aldeia recém-abandonada por êle visitada no rio Ronuro (idem: 124-126). Em seus mapas da região registra Meyer um número considerável de tribos habitando o rio Paranjuba (Suiá-missu), as quais considera como integrantes de outra "província cultural" (1897 e 1898: mapas). Noronha ouviu dos Kalapálo, que os Yamurá, juntamente com os Suyá, desciam pelo rio Tanguro, afluente do Culuene, para atacar sua aldeia (1952: 46-47). Hintermann, em 1924, relata ter encontrado vestígios de Kayapó no Ronuro e seus afluentes (1925: 177). Petruzzo, em 1931, recebeu dos Bakairí e Kalapálo informações sôbre a existência de diversas tribos nas cabeceiras dos formadores do Xingu e a leste do Culuene, com as quais estavam em guerra permanente (1932: 145).

Grande parte dessas tribos era produto da imaginação daqueles índios, como os Tahulgi e Phoi (pigmeus), os Aruga (ocultos para matar) e os Yarpitsu (assassinos) etc., embora outras — Maritsava (Manitsawá), Jaruma (Yarumá), Ravine (Arawíne), Tsuruna (Jurúna), Kayabĩ e Tonalí (Kayabí do Paranatinga), fôssem de fato tribos de comprovada existência na região.

Muitos desses grupos citados pela bibliografia, com os anos foram sendo melhor conhecidos e estudados, seja através de informações indiretas, como no caso dos Manitsawá (1), Arawíne (2) e Yarumá (3), seja por contato direto, como os Jurúna e, mais recentemente, Kayabí, Kayapó, Xavánte e Suyá, após terem sido atraídos e pacificados. Com isso, muitas hipóteses e conceitos dos pioneiros do Xingu puderam ser reformulados e certos erros retificados. Assim, por exemplo: verificou-se serem grupos Kayapó, provavelmente Gorotire, aqueles índios do Xingu denominados "carajás" pelos Kustenáu e Jurúna, e não os seus homônimos do Araguaia, como julgara Steinen (1942: 214 e 278); eram Xavánte aqueles índios brabos das cabeceiras dos formadores do Xingu e não Kayapó, como registraram Steinen, Meyer e Hintermann; os Yarumá pertenciam a um ramo dos Apiaká do Tocantins,

- (1) Os Manitsawá, grupo tupi, considerados como os responsáveis pela penúria e desagregação dos Yawalapití (Steinen, 1940: 146), habitavam o rio Manitsauá (Manitsauá-missu dos Suyá), afluente ocidental do Xingu. Após sucessivos ataques dos Suyá e Jurúna, seus vizinhos próximos, desapareceram, tendo Steinen, em 1884, encontrado ainda alguns desses índios, como prisioneiros dos Suyá (1942: 250). Informantes Suyá e Jurúna afirmaram a Orlando Vilas-Boas que os Manitsauá subiram o rio Manitsauá, refugiando-se no rio Peixoto de Azevedo. Hoje são considerados extintos.
- (2) Os Arawíne, de procedência tupi (Krause, 1936: 44), habitavam as matas a leste do Culuene, à margem do rio Aravine (hoje Sete de Setembro), segundo informaram os Kalapálo a Petrullo (1932: 145). Dada a possibilidade de relações dos Arawíne com civilizados, dos quais recebiam objetos manufaturados e cães, conforme disseram os Awetí a Meyer, Krause é de opinião de ter havido uma ligação entre o Xingu e o Araguaia, levada a efeito pelos Arawíne e Yarumá (Krause, 1936: 42), o que Baldus confirma, levantando a hipótese de serem os Arawíne os mesmos Ampaneá, grupo também tupi, aparentado aos Tapirapé e apontado por estes como habitantes do alto rio Tapirapé (Baldus, 1936: 8). Hoje extintos.
- (3) Os Yarumá viviam no rio de igual nome (hoje Tanguro), afluente da direita do Culuene, tendo Meyer, quando entre os Akukú-Nahuquá (Kalapálo), registrado palavras de seu dialeto e coletado material etnográfico. Por esse vocabulário são os Yarumá considerados como pertencentes à família lingüística Karibe, possivelmente oriundos de um ramo dos Apiaká do Tocantins (Krause, 1936: 41; Baldus, 1938: 7-8). Tribo numerosa e aguerrida, responsável pela expulsão dos Akukú-Nahuquá do território a leste do Culuene, onde então se localizavam, transferindo-se para a margem esquerda (Petrullo, 1932: 143). Atacavam as aldeias xinguanas do alto Culuene, principalmente os Kalapálo, o que gerava represálias por parte destes, notadamente raptos de mulheres e crianças. É corrente entre os Kalapálo que Quevesu, mulher do "capitão" Kumátse fôra roubada ainda menina da aldeia Yarumá. Embora afirmem os xinguanos que os Yarumá ainda vivem para as bandas do alto Tanguro, em virtude dos ataques dos Suyá, desapareceram e são considerados extintos.

portanto, incluídos na família lingüística Karib, e não Mundurukú como aventara Steinen (1940: 193).

Apesar de algumas dessas tribos marginais terem desaparecido, como os Manitsawá, Arawíne e Yarumá, as demais, possivelmente mais numerosas ou melhor equipadas, conseguiram resistir as compulsões externas e sobreviver. Em nossos dias êsses grupos e mais outros recém-chegados à área espalham-se pela orla do Alto Xingu e, em sua quase totalidade, face à tarefa de pacificação levada a efeito pelos irmãos Vilas-Boas, já mantêm, praticamente, entre si e com os xinguanos relações pacíficas. Ao norte, localizam-se os Jurúna, Kayabí e Kayapó, a leste os Suyá, a sul e sudeste os Xavánte, e a oeste os Txikão (Fig. 1).

Os JURÚNA, que ao tempo da colonização portuguesa ocupavam a foz do Xingu, foram sendo empurrados, a partir do século XVII, para o curso médio e superior desse rio. De início, pelas expedições e "tropas de resgate" lusitanas; a seguir, pelas várias tentativas de aldeá-los em missões, pressão de outros grupos indígenas e, por fim, pela "frente de expansão" de nossa sociedade (4). Localizados em 1843, pelo príncipe Adalbert entre os paralelos 3º e 4º de latitude sul, cerca de 40 anos depois eram encontrados por Steinen muito acima daquela posição, ou seja, a 8º S (Steinen, 1942: 281). Com o passar dos anos intensificaram-se os contatos entre Jurúna e neo-brasileiros, tendo sido grande parte desses índios engajada compulsoriamente à população rural, como castanheiros e seringueiros. Outra parte, contudo, resistindo a essa subordinação que o novo regime de trabalho implicava, desertou dos seringais, indo juntar-se a seus irmãos "vagabundos", praticando assaltos e correrias pela região (Coudreau, 1897: 49). Em 1916, assediados pelos Kayapó e seringalistas, abandonaram seu antigo território, internando-se no Alto Xingu (Nimuendajú, 1948a: 219). Ali, foram ainda "caçados" pelo seringalista Constantino Viana, porém os sobreviventes conseguiram manter-se na região (Nimuendajú, 1952: 432-3), localizando-se à margem esquerda do Xingu, um pouco acima da cachoeira von Martius, onde foram assinalados em 1928 pela expedição Dyott, somando sua população 30 índios (Nimuendajú, 1948a: 219). Embora numericamente inferiores aos demais grupos xinguanos, graças ao uso de armas de fogo importadas do baixo Xingu, conseguiram sobreviver aos choques com Kayapó, Suyá, Trumái e

(4) Para maiores detalhes sobre os Jurúna do Alto Xingu, consultar Galvão, 1952.

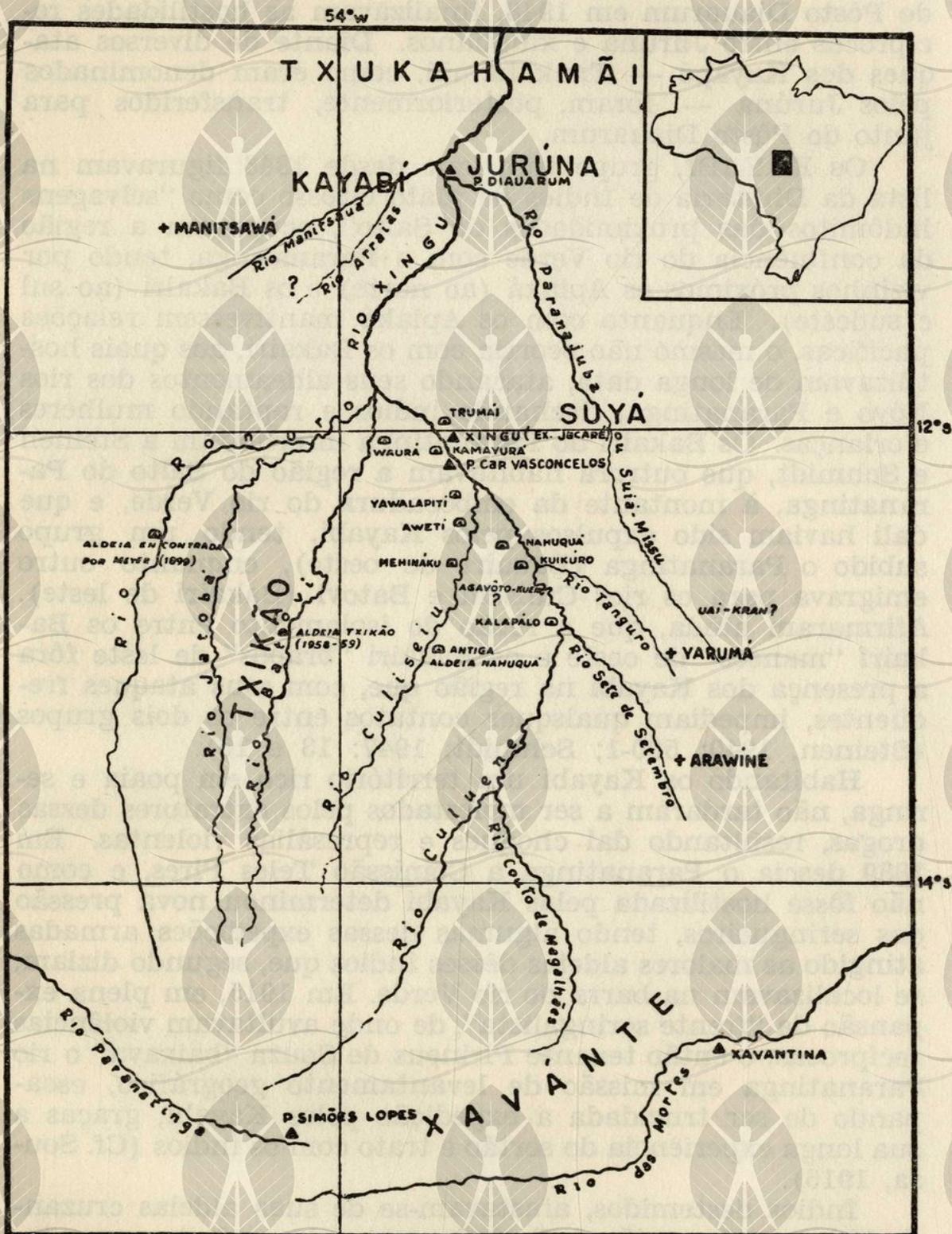


Fig. 1 — Mapa da área do Alto Xingu e a localização aproximada das aldeias indígenas em 1960 (+ tribos extintas).

Kamayurá, seus vizinhos mais próximos. Com a chegada da Fundação Brasil-Central ao Xingu, em 1946, e a instalação do Pôsto Diauarum em 1948, finalizavam as hostilidades recíprocas entre Jurúna e xinguanos. Diante de diversos ataques dos Kayapó — Txukahamã, como eram denominados pelos Jurúna — foram, posteriormente, transferidos para junto do Pôsto Diauarum.

Os KAYABÍ, grupo tupi, que desde 1848 figuravam na lista da Diretoria de Índios de Mato Grosso como “selvagens indômitos das proximidades do Salto”, ocupavam a região da confluência do rio Verde com o Paranatinga, tendo por vizinhos próximos os Apiaká (ao norte) e os Bakairí (ao sul e sudeste). Enquanto com os Apiaká mantivessem relações pacíficas, o mesmo não ocorria com os Bakairí, aos quais hostilizavam de longa data, atacando seus aldeamentos dos rios Nôvo e Paranatinga, flechando índios e raptando mulheres e crianças. Os Bakairí do Paranatinga informaram a Steinen e Schmidt, que outrora habitavam a região do Salto do Paranatinga, à montante da embocadura do rio Verde, e que dali haviam sido expulsos pelos Kayabí, tendo um grupo subido o Paranatinga (Bakairí de oeste), enquanto outro emigrava para os rios Culiseiu e Batovi (Bakairí de leste). Afirmaram ainda, que a razão do isolamento entre os Bakairí “mansos” de oeste e os Bakairí “brabos” de leste fôra a presença dos Kayabí na região que, com seus ataques frequentes, impediam quaisquer contatos entre os dois grupos (Steinen, 1940: 500-1; Schmidt, 1947: 13 e 15).

Habitando os Kayabí um território rico em poaia e seringa, não tardaram a ser molestados pelos extratores dessas drogas, resultando daí choques e represálias violentas. Em 1889 descia o Paranatinga a Comissão Teles Pires, e como não fôsse hostilizada pelos Kayabí determinou nova pressão dos seringueiros, tendo algumas dessas expedições armadas atingido as maiores aldeias desses índios que, segundo diziam, se localizavam na barra do rio Verde. Em 1915, em plena expansão da “frente seringalista”, de onde avultavam violências recíprocas, o então tenente Pirineus de Souza “baixava” o rio Paranatinga em missão de levantamento geográfico, escapando de ser trucidada a expedição pelos Kayabí, graças a sua longa experiência do sertão e trato com os índios (Cf. Souza, 1916).

Índios destemidos, afastavam-se de suas aldeias cruzando tôda aquela região, infletindo para sul e sudeste para atacar as habitações neo-brasileiras de Piavoré e, principalmente, seus costumazes inimigos — os Bakairí do Paranatinga

e Rio Nôvo. Diante disso, resolveu o SPI atrair e pacificar os Kayabí, fundando em 1922 o Pôsto Pedro Dantas, no rio Verde, próximo às suas aldeias. Apesar dos brindes oferecidos, desconfiados e considerando o Pôsto como simples dependência do seringal, não tardaram os Kayabí a destruí-lo completamente, em 1924. No ano seguinte era o Pôsto reconstruído, porém desta feita, à margem esquerda do Paranatinga, mais distante de suas aldeias e mais próximo ao Pôsto Simões Lopes (Schmidt, 1942 b: 244). Finalmente, em 1926, após muito trabalho e algumas vidas sacrificadas, era atraído àquele Pôsto o primeiro grupo de Kayabí. A partir dessa data aumentaram as vistas, intensificando os contatos. Um grande grupo viveu por muito tempo nesse Pôsto, bem como no Pôsto José Bezerra, posteriormente fundado. Pacificadas as aldeias mais próximas, diminuíram os ataques aos Bakairí, muito embora fôssem atribuídos aos Kayabí “brabos” — Tonalí, como os denominavam os Bakairí — certas hostilidades praticadas contra o Pôsto Simões Lopes e xinguanos.

Com o recesso sofrido pelo SPI após 1930, alguns grupos Kayabí foram descendo o Teles Pires, localizando-se um desses bandos à margem esquerda desse rio, um pouco acima da cachoeira “Sete Quedas”. Dali partiam para atacar barracões e seringais, determinando reclamações e farto noticiário em Belém e Rio. Em 1941, após reorganizado o SPI, foi mandado fundar o Pôsto Kayabí, à margem direita do Teles Pires, um pouco abaixo da cachoeira São José. Ainda naquele ano começaram os Kayabí a freqüentar o Pôsto e, em 1942, um grupo desses índios se transferia para sua proximidade.

Com a chegada da Fundação Brasil-Central ao Teles Pires e a instalação de um acampamento próximo ao rio Peixoto de Azevedo, em 1950, além dos Kayabí já pacificados que ali trabalhavam, era também o acampamento visitado, segundo informa Orlando Vilas-Boas, por Kayabí brabos denominados por seus irmãos “mansos” — Tatuê. Mais tarde, em 1955, por influência dos Vilas-Boas, um grupo de cerca de 40 Kayabí transferia-se para o Xingu, localizando-se à margem esquerda do rio Arraias, próximo a sua confluência com o rio Manitsauá, onde ainda hoje ali permanece.

A presença de KAYAPÓ na região dos formadores do Xingu vem sendo assinalada desde a 1.^a expedição alemã a esse rio, em 1884, tendo Steinen ouvido dos Kustenáu referências aos “Carajás”, como tribo hostil (1942: 214); o mes-

mo ocorrendo quando de seu encontro, já no Xingu, com os Jurúna (idem: 278). Dêsses índios, obteve Steinen melhores esclarecimentos, inteirando-se que viviam em guerra permanente com os "Carajás" que, "muito mais ferozes e valentes", percorriam as terras situadas à margem direita do Xingu (Steinen, 1885: 75), obrigando-os a viverem em aldeias situadas em ilhas ou pedrais, afastados das margens.

Por "carajás", no Pará (ou "coroás", em Mato Grosso) eram chamados os Kayapó setentrionais, denominação essa que se estende até 1918 (Nimuendajú, 1952: 427), determinando confusão dêsses índios com seus homônios do Araguaia, como ocorreu com Steinen. Em 1893, Coudreau julgava-os habitando para os lados do rio Iriri (1897: 36), embora os Jurúna afirmassem ser o rio Fresco o "grande caminho dos Carajás" (idem: 59).

Os Kayapó do Xingu — subtribo Gorotíre —, segundo Nimuendajú era uma grande facção dos Kayapó setentrionais que, por desavenças com a horda dos "Pau d'Arco", localizada no rio homônimo (afluente do Araguaia), se isolaram no Xingu, estabelecendo-se no rio Fresco (1952: 428). Em 1897, por informação de frei Gil de Villanova, Coudreau orçava em cêrca de 1.500 os Gorotíre do rio Fresco ou Carajás-Suiás, como acreditava êsse autor.

Embora Nimuendajú informe "o esfacelamento dos Gorotíre em diversos bandos", em 1936, resultando entre outros, o bando Kubén-kran-kégn (1952: 429), acreditamos que muito antes daquela data outros fracionamentos semelhantes tenham ocorrido entre os Gorotíre. Sòmente dessa maneira, poderíamos explicar a presença de Kayapó no rio Batovi, atacando Kustenáu e Waurá, em data anterior a 1884; ou então, os Kayapó-Xikrín que, afirmando a Protásio Friel terem pertencido originalmente aos Gorotíre, já habitavam o rio Caiteté (afluente do Itacaiunas), em 1903, segundo testemunho de antigos moradores da região.

A hipótese de fracionamentos mais remotos tem a seu favor a "memória tribal" dos atuais Gorotíre, como registrou Diniz, isto é, que essas fragmentações teriam se processado na seguinte ordem, partindo da grande aldeia Gorotíre, da Cachoeira da Fumaça: "primeiramente os Kararaô; em segundo os Menkrānontíre; posteriormente os Djudjêtuktí, que hoje conservam o nome geral Gorotíre. Dos Kubenkrākein que ficaram no antigo "habitat", se originou o grupo Kokraimôro; e dos Menkrānontíre separou-se o grupo Mentukíre (Metotire ou Txukarramãi)." (1962: nota 6).

A presença de Kayapó no Alto Xingu, após 1884, é ainda registrada pelas expedições subseqüentes, apesar de alguns daqueles índios considerados pelos pioneiros como Kayapó, não o fôsem realmente, e sim Xavánte, principalmente os reportados como habitando a região das cabeceiras dos formadores do Xingu. Desde Steinen, o território percorrido pelos Kayapó era o sul do Pará e norte de Mato Grosso. Dali partiam para seus ataques e correrias contra Jurúna e civilizados do Xingu ou, esporadicamente, se internando no Alto Xingu para assaltar as malocas de Suyá e xinguanos.

Com a chegada da expedição Roncador-Xingu ao Culue-ne e a fundação de um Pôsto, em 1946, próximo à aldeia Kalapálo, deram êstes aos Vilas-Boas notícias sôbre os Aveotó (gente sem arco), reputando-os como o grupo mais numeroso, hostil e temido de tôda a região (Cf. Vilas-Boas, 1955). Posteriormente, com depoimentos de outros índios, o conhecimento sôbre êstes Aveotó ampliou-se, chegando aquêles ser-tanistas à conclusão de tratar-se de um grupo Kayapó, quando entraram em contato com os Jurúna. Como grupo mais setentrional da região por aquela época, eram os Jurúna os mais visados pelos Aveotó, a quem denominavam Txukahamã, também significando "gente sem arco". Segundo os Jurúna, os Txukahamã se localizavam num braço formador do rio Jarina, desembocando êste último pela margem esquerda do Xingu, à altura da cachoeira von Martius.

Através de informantes, conseguiram os Vilas saber que tinham sido os Txukahamã que, há cêrca de cinqüenta anos assaltaram a aldeia dos Suyá, localizada à margem direita do Xingu, destruindo-a completamente. Disso resultara a migração dos Suyá para a barra do rio Paranajuba ou Suiá-missu. Por volta de 1946 os Txukahamã, numa emboscada contra os Kamayurá, abateram o "capitão" dêstes índios, escapando uma criança, que levou à aldeia a triste notícia.

Em 1949, foram iniciados os primeiros passos para a pacificação dos Txukahamã e, em 1953, estabelecia-se o primeiro contato direto entre os Vilas-Boas e um grupo de cêrca de 40 índios Txukahamã. Alguns meses depois, nôvo contato se verificava entre Txukahamã e a turma de atração, tendo, inclusive, o "capitão" dêstes índios e alguns homens, concordado em visitar o Pôsto Cap. Vasconcelos. Finalmente, em novembro de 1953, consolidava-se a pacificação dos Txukahamã, com a visita da turma de pacificação liderada pelos Vilas-Boas às malocas dos Txukahamã. A partir de então cessaram as hostildades dêstes índios contra os xinguanos,

e, atualmente, a despeito de uma certa desconfiança mútua, mantém entre si, relações pacíficas. Quanto às hostilidades contra neo-brasileiros, traduzidas em ataques e raptos que se estendem até o Araguaia, praticamente também terminaram, muito embora, em 1956, tenham os Txukahamãï surpreendido e abatido a bordunadas um grupo de civilizados que, subindo o Xingu, pernотara à montante da cachoeira von Martius.

Os SUYÁ, encontrados pela expedição alemã de 1884, habitavam à margem esquerda do Xingu, logo abaixo da foz do rio Paranajuba ou Suiá-missu, comportando sua aldeia, segundo Steinen, nove malocas em círculo, de forma e construção idênticas às do xinguanos (1942: 244). Com respeito à sua população, êsse mesmo autor registrou como sendo "a aldeia mais habitada", orçando-a em cêrca de 150 seus habitantes (idem: 246).

Por ocasião da visita de Steinen, embora em guerra contra os Trumáï (5), mantinham os Suyá, de longa data, relações diretas com as tribos xinguanas. Como grupo marginal intrusivo, isto é, de cultura alienígena e minoritária em processo de adaptação ao meio e ao contexto cultural xinguanos, êsses contatos resultaram, para os Suyá, na importação de muitos elementos culturais xinguanos, mormente aquêles atinentes à tecnologia e às atividades de subsistência, como o tipo de aldeia, a construção de casas, uso de rêdes, canoas de casca, cerâmica, técnicas de preparo de alimentos, etc. Por outro lado, através do comércio intertribal, outra determinante aculturativa, em troca de cerâmica, colares de concha, rêdes, etc., importados daquelas tribos, exportavam para elas seus machados de pedra e fumo, dos quais sustentavam o monopólio.

Através dos Bakairí do Paranatinga e, posteriormente, dos próprios Suyá, ouviu Steinen que êstes índios, antes de se fixarem no Xingu, estavam aldeiados no rio Verde, afluente do Paranatinga, próximos aos Kayabí e Bakairí, ali chegados vindos do rio Arinos. Dali teriam sido expulsos pelos Bakairí aliados aos "kayapó" (Xavánte?), emigrando para o

(5) Os Trumáï, grupo recém-chegado ao Xingu, provàvelmente em meados do século passado (intrusivo recente), teriam vindo, segundo informaram êsses índios e os Kuikúro, de sudeste, tendo descido o rio Tanguro e, mais tarde, o Culuene, onde se estabeleceram em seu curso inferior. Ali entraram em luta com os Suyá, dentre outras causas, por questão do comércio intertribal com os xinguanos, no qual eram os Trumáï os grandes fornecedores de machados de pedra, artigo que até sua chegada era "monopólio" dos Suyá.

Xingu, onde os encontrou aquêl autor em 1884 (Steinen, 1940: 501).

Estabelecidos no Xingu não tardaram a entrar em luta com os Trumái, grupo também marginal e recém-chegado à área e que, segundo informantes Kuikúro, teriam vindo de sudeste, possivelmente empurrados pelos Xavánte, descendo o rio Tanguro e o Culuene, acabando por fixar-se no curso inferior dêste último, próximos aos Suyá.

Além dos Trumái, dirigiam os Suyá seus assaltos contra os Manitsawá e Yarumá, tendo Steinen constatado a presença de alguns prisioneiros Manitsawá na aldeia dos Suyá, em 1884, e dos Yarumá fôra informado, em 1887, de ter sido sua aldeia destruída e alguns dêstes índios feridos ou capturados (1940: 149). Ehrenreich, companheiro de Steinen, referindo-se aos Trumái por êle encontrados entre os Awetí, em fuga dos Suyá, comenta que "todas as suas mulheres, mais ou menos moças, tinham-lhe sido arrebatadas pelos Suyás, restando-lhes como representante do bello sexo apenas um pequeno grupo de velhas bruxas de uma fealdade que se poderia chamar mythologica" (1929: 270).

Êsses sucessivos ataques dos Suyá contra os Trumái, determinaríam o êxodo dêstes índios para o rio Culiseiu, primeiramente para junto dos Awetí, como testemunhou Ehrenreich e, posteriormente, entre os Mehináku e Nahuquá, citados por Meyer, Schmidt e Hintermann (Meyer, 1900: 127; Schmidt, 1942a: 61; Hintermann, 1925: 177). Dessa proximidade compulsória, buscando abrigo e proteção contra os Suyá, resultariam inúmeros casamentos intertribais, o que aceleraria o processo de integração dos Trumái no contexto sócio-cultural xinguano, tendo em vista ser um grupo recém-chegado e que, ainda ao tempo da visita de Steinen e Ehrenreich, possuíam muito de sua cultura original, como o uso de cabelos compridos para os homens, a amarração do prepúcio, o uso de tangas semelhantes àquelas usadas pelas índias Karajá, etc.

Em meados de 1899, alguns meses antes da 2.^a expedição de Meyer, os Suyá atacavam e matavam a bordunadas um grupo de cinco norte-americanos que, vindo do Culiseiu à procura de borracha, descia o Xingu (Schmidt, 1942a: 19; 1947: 19).

Alguns anos após, já em princípios de nosso século, foram os Suyá atacados pelos Kayapó, provavelmente Gorotíre ou Kruatíre, que lhes cercaram a aldeia e mataram grande

parte de seus habitantes. Os sobreviventes refugiaram-se no Suiá-missu, onde mais tarde levantaram nova aldeia junto a sua embocadura com o Xingu.

Com a migração dos Jurúna para o Alto Xingu, nôvo adversário surgia para os Suyá, sendo aquêles, a despeito de portarem armas de repetição, derrotados por êstes numa tentativa de raptar algumas de suas crianças. A seguir, os Jurúna, com auxílio do famigerado seringalista Constantino Viana e sua caboclada cercaram a aldeia Suyá da foz do rio Suiá-missu, incendiaram suas 15 malocas e fuzilaram muitos daquêles que procuravam fugir das chamas (Nimuendajú, 1952: 433). A partir de então internaram-se no rio Suiá-missu, mantendo-se arredios e, vez por outra, surgiam de surpresa atacando os Kamayurá, Trumái, Jurúna e Waurá. Ainda em 1945, num assalto relâmpago contra a aldeia Kamayurá, incendiaram algumas casas e mataram 3 de seus habitantes. Por sua vez os Kamayurá, viajando alguns dias se vingaram, atacando a aldeia Suyá (Relatório da 2.^a Expedição do SPI, 1945).

Com a chegada dos membros da Expedição Roncador-Xingu à região e a construção dos acampamentos e campos de pouso, praticamente terminaram as hostilidades dêsses índios. Isolados no alto do Suiá-missu e avessos a quaisquer contatos, ali permaneceram até 1958, quando resolveram incursionar pelo alto Culuene, provocando pânico na aldeia Kuikúro. Por essa razão, em 1959, após 75 anos de isolamento, eram os Suyá novamente visitados por civilizados, desta feita, porém, pelos irmãos Vilas-Boas e em sua nova aldeia no rio Sóconti, afluente do Suiá-missu.

Sob a denominação de "kayapó" ou "kayahó", designavam os Bakairí do Paranatinga um grupo de índios arredios e hostis que costumavam incursionar pelas cabeceiras dos formadores do Xingu e com o qual, segundo afirmaram a Steinen, se aliaram no passado para expulsar os Suyá do rio Verde. Êsses índios permaneceram por algum tempo conhecidos como "kayapó", tendo os pioneiros do Xingu registrado sua presença no rio Ronuro (Steinen, 1940: 191) e em seu afluente, o rio Formoso (Meyer, 1900: 122). Já em nosso século, em 1924, Hintermann, participante da Expedição Geodésica aos rios Ronuro e Jatobá, declarava ter encontrado naqueles rios "vestígios dos kayapó que, de longa data, percorriam a região em suas caçadas" (1925: 177).

Desde os primeiros relatórios da Inspetoria de Índios de Mato Grosso, era assinalada a existência dos "caiapós do rio

das Mortes”, responsabilizando-os como os agressores dos Boróro do Sangradouro e dos Bakairí da região do Paranatinga-Culuene. No Alto Xingu, a primeira notícia que se tem de hostilidades desses índios contra os xinguanos data de 1926, contra a aldeia Nahuquá. Situada à margem direita do Culiseiu e mais próxima da cabeceira deste rio era a mais visada pelos “kayapó”. Atacada de surpresa conseguiu repelir os assaltantes, que na fuga, deixaram algumas flechas e arcos, os quais foram mais tarde recolhidos pela expedição do pastor norte-americano Leonardo Legters que por ali viajava (Rel. Ins. M. Grosso, 1926: 77).

Identificados esses “kayapó” com os “cayamos”, nome que lhes davam os Boróro, vítimas também de suas depredações, chegou-se à conclusão que tais índios eram os mesmos XAVANTE (Akwén) que, fugidos da antiga colônia Pedro II ou Carretão, nas últimas décadas do século XIX, se haviam estabelecido no rio das Mortes. Ali localizados, rechaçaram outros grupos indígenas, entre estes, possivelmente, os Trumái, empurrando-os para o rio Tanguro, de onde mais tarde desceram para o Culuene. O certo é que já em 1887 começaram a registrar-se os primeiros ataques praticados pelos Xavante.

Após 1940, reorganizado o SPI, pôde este atender o clamor público manifestado pelas correrias e assaltos dos Xavante dirigidos para leste e sul, respectivamente, contra os garimpeiros do rio São Lourenço e fazendas de gado dos campos do Araguaia, elaborando um plano de ampla envergadura. O plano, segundo Ribeiro, “consistia em estabelecer um cerco em volta do enorme território tribal para impedir hostilidades com civilizados, que prejudicassem os trabalhos, e para obrigar os *Xavantes* a se defrontarem com as turmas de pacificação em qualquer lado para que se dirigissem” (Ribeiro, 1962: 80).

Além de um Pôsto mandado fundar no rio das Mortes, onde em 1941 os Xavante liquidaram o inspetor Pimentel Barbosa e sua equipe de pacificação, um outro, nesse mesmo ano era criado à margem direita do rio das Mortes, à montante da embocadura do rio São Marcos — Pôsto Alípio Bandeira — para atrair e pacificar os Xavante das cabeceiras do Xingu. No ano seguinte, transferia-se o Pôsto para o divisor de águas Culuene-Rio das Mortes, por não terem sido encontrados rastros dos índios pelas circunvizinhanças (Rel. Ins. M. Grosso, 1942: 16).

Com a criação da Fundação Brasil Central e de sua necessidade em desbravar a região do rio das Mortes em demanda das cabeceiras do Xingu, ainda em 1942 reiniciavam-se os trabalhos de atração dos Xavante pelo lado de Goiás. Enfim, em 1946, entravam os Xavante do Roncador em contato com a turma do Pôsto Pimentel Barbosa, no rio das Mortes.

Todavia, pelas bandas do Xingu outros grupos de Xavante continuavam suas tropelias, abatendo dois trabalhadores e alguns Bakairí do P. I. Alípio Bandeira, em 1942. Depois desse incidente desapareceram das proximidades do Pôsto e, só em 1945, passaram novamente a rondá-lo. Em janeiro de 1947, outro trabalhador era morto à borduna, cerca de 500 metros do Pôsto e, no ano seguinte, os índios assaltavam o Pôsto, destruindo-o completamente. Como resultado os trabalhadores abandonaram-no, transferindo-se para os PP. II. Simões Lopes e Culiseiu, este último à margem direita do rio Batovi.

No P. I. Culiseiu, prosseguiram as tentativas de aproximação com os Xavante e, finalmente, após anos de trabalhos, foram os índios atraídos ao Pôsto em 1952. A partir de então, amiudaram-se as visitas dos Xavante que ali vinham em busca de ferramentas e outros brindes.

Ainda em 1953, Thomas Young e outros missionários, ao descerem o Culuene, defrontaram-se com alguns Xavante que, "pacificamente", tentaram saquear suas bagagens. Impedidos pelos missionários passaram a atacá-los mais tarde com flechas disparadas da barranca do rio (Rel. Thomas Young, 1953: 1-2).

Em 1954, concluiu-se a pacificação dos Xavante do Culuene chefiados pelo "capitão" Seremecê, bem como de outras aldeias menores, com a visita ao P. I. Culiseiu de cerca de 300 índios. Dois anos após, um grupo de 97 índios vivia aldeado junto ao Pôsto (Rel. Ins. M. Grosso, 1956).

Das tribos estranhas ou marginais do Alto Xingu resta, na atualidade, uma única a ser atraída e pacificada (6) —

(6) Nos últimos anos outras tribos desconhecidas têm sido reportadas na região ou em sua periferia, seja através de vestígios encontrados, seja por informação dos próprios xinguanos. Os irmãos Vilas-Boas, conhecedores da região e ali domiciliados desde 1946, falam da existência dos Agavôto-Kueng, índios semelhantes aos Yawalapití, habitando entre o Culuene e Culiseiu, próximos a uma lagoa denominada Fumbá pelos Kuikúro. No alto do rio Paranjuba ou Suiá-missu, segundo os Suyá, habitam os Uai-kran, grupo indígena desconhecido com os quais tiveram ligeiro contato em 1961. No curso superior do Arraias, afluente do Manitsauá, encontraram aqueles sertanistas vestígios de índios brabos, tendo os mesmos, posteriormente, rondado a aldeia dos Kayabí naquele rio.

os TXIKÃO, denominação atualmente dada pelos xinguanos a um grupo hostil e arredio, de filiação lingüística não identificada, habitando a região compreendida entre os cursos médios dos rios Batovi e Jatobá. Temidos pelos xinguanos, principalmente por aquêles que lhes são mais próximos, como os Waurá e Mehináku, da mesopotâmia Batovi-Culiseiu, vêm há alguns anos atacando suas aldeias, incendiando casas, flechando índios e roubando mulheres e crianças. Tal é o temor que inspiram aos xinguanos que o simples boato de sua presença pelas vizinhanças da aldeia ou do Pôsto é motivo de correrias e pânico (7). Lima, quando de sua visita à aldeia Waurá, em 1950, observou o estado de tensão permanente entre seus habitantes, motivado pelos freqüentes assaltos dos Txikão. “À tardinha, quando fazem ao centro da aldeia a *roda dos fumantes*, sempre há um ou mais índios com suas armas, na expectativa de um ataque súbito. No verão, porém, as precauções ainda são maiores. A mata, que se estende em direção à aldeia do Txikão, é evitada nessa época; o local em que as mulheres vão apanhar água também é mudado, a fim de dificultar os raptos”. (Lima, 1950: 6).

O nome Txikão, como designativo para um grupo hostil, começa a surgir na bibliografia do Alto Xingu, ao que temos notícia, a partir de 1944, com a 1.^a Expedição Cinefotográfica do SPI. No Pôsto Simões Lopes, no rio Paranatinga, ouviram os membros da citada expedição referências feitas aos “txikão”, como índios brabos que incursionavam pelas cabeceiras dos formadores do Xingu e que, freqüentemente, atacavam os Bakairí e xinguanos. Êsses índios, segundo os Bakairí, eram Kayabí brabos, seus eternos inimigos, que lhes vinham tornando a região insegura desde longo tempo, com seus assaltos de surpresa (8). Informaram, ainda, que Txikão era nome de um índio “manso” tendo, inclusive, trabalhado numa fazenda em Mato Grosso, com dente de ouro e claudicando de uma perna. Êsse índio liderava uma turma de Kayabí, ensinando-lhes, entre outras coisas, o manejo de armas de fogo. Todavia, através de um antigo funcionário do pôsto, Txikão era o nome do “capitão” da aldeia

(7) Oberg, em 1948, em sua estada no Pôsto Jacaré observou que por duas vêzes, diante de boatos da presença de Txikão pelas proximidades, os índios ficaram aterrorizados, principalmente as mulheres e crianças. “The apprehension of the Indians, especially the fear shown in the faces of the women and children, was unmistakable evidence of the reality of war in their lives” (1953:6). Por diversas ocasiões o autor presenciou o mesmo fato, tanto nos Postos Jacaré e Cap. Vascellos, como nas diversas aldeias visitadas.

(8) Interessante é que a êsses mesmos Kayabí do Paranatinga que em 1944 denominavam Txikão, tinham os Bakairí em 1931 apontado a Petrullo como os “Tonali” (Petrullo, 1932:145).

dêsses Kayabí, que tinham emigrado do Paranatinga para o Batovi. O certo é que o termo Txikão era recente, não aparecendo em publicações anteriores a data citada, como as de Petruzzo e Quain.

O primeiro ataque levado a efeito pelos Txikão contra os xinguanos que se tem notícia, data também de 1944, contra a aldeia dos Nahuquá, localizada à margem direita do Culiseiu. Nessa aldeia, encontrou a expedição do SPI os Nahuquá em "pé de guerra", pintados de jenipapo, relatando que 3 dias antes os Txikão lhes assaltaram a aldeia, matando quatro homens e incendiando suas malocas (Rel. 1.^a Exp. SPI, 1944: 6-7). A aldeia ficara reduzida a ruínas, determinando que os sobreviventes se retirassem para a baía do Buriti, no Culuene (Idem: 16). Data de então o abandono dessa aldeia do Culiseiu (Yarama, como a denominavam os Nahuquá), mudando-se definitivamente para a aldeia da lagoa — Yhumba — onde os encontrou Lima em 1948, inteirando-se que a causa dessa migração fôra os sucessivos ataques dos Txikão ⁽⁹⁾, o que corrobora com o registro anterior (Lima, Relatório e notas de campo).

Já em 1945, receavam os xinguanos a região das cabeceiras do Culiseiu e Botovi pelas tocaias dos Txikão que, abrigados pela vegetação e pela pouca largura dos rios naqueles sítios, os flechavam quando por ali transitavam em demanda dos Postos Culiseiu e Simões Lopes. Com isso, ficava grandemente prejudicada a ligação dos xinguanos com os citados postos, dada a necessidade que tinham de visitá-los, periodicamente, em busca de ferramentas e outros objetos manufaturados de que tanto careciam. No interior de um pequeno afluente do alto Culiseiu, afirmavam os xinguanos, existia uma aldeia dos Txikão, mostrando ao pessoal da expedição do SPI sinais de fumaça naquela direção (Rel. 2.^a Exp. SPI, 1945: 24 e 63).

Em 1945, sofriam os Waurá as conseqüências das incursões dos Txikão, os quais lhes tinham incendiado uma maloca, num assalto súbito durante a noite. Por essa razão alguns

(9) De 1944 em diante inúmeras hostilidades dos Txikão vêm sendo registradas, muito embora não lhes possamos imputar a autoria de tôdas, notadamente as ocorridas nas cabeceiras do Culuene e terras entre êste e o Culiseiu. Cremos, que por sua localização no Batovi, sômente aquelas praticadas na mesopotâmia Culiseiu-Batovi devam, de fato, ser computadas como de sua responsabilidade. As demais, a êles atribuídas nos altos rios Culuene e margem direita do Culiseiu, como no caso dos Nahuquá, foram, possivelmente, cometidas por Xavante. Prova-o o fato de que concluída a pacificação dêstes em 1954, praticamente desapareceram as correrias e assaltos naqueles locais, restringindo-se sômente à região do Batovi-Culiseiu, contra as aldeias Mehináku e Waurá, as mais afastadas dos postos e mais próximas ao território Txikão.

Waurá resolveram subir o Culiseiu com a expedição do SPI, a fim de providenciarem material para suas flechas e após equipados, procederem as necessárias represálias contra a aldeia Txikão.

No ano seguinte, num "raid" contra o P. I. Culiseiu, os Txikão surpreendiam e matavam uma lavadeira do pôsto que, imprudentemente, se afastara de sua vizinhança e, em 1948, próximo ao antigo pôsto dos Nahuquá, atacavam um grupo de Mehináku que subia o Culiseiu para ajudar a descida da expedição do missionário Thomas Young (Relat., 1953: 2).

É contra Mehináku e Waurá que se concentraria tôda a atividade guerreira e predatória dos Txikão a partir de então. Logo em 1949, Lima encontrava os Mehináku apavorados por um ataque recente dos Txikão que, repelidos, abandonaram na fuga algumas armas e artefatos. Em 1950, constatava o mesmo autor situação idêntica entre os Waurá, como já tivemos ocasião de relatar. Em nôvo assalto contra os Mehináku, em 1952, tentaram incendiar algumas casas, porém foram rechaçados pelos disparos de Winchester 44 do "capitão" Mehináku, largando na retirada muitas flechas e artefatos, os quais, como os anteriores, foram coletados pelos Vilas-Boas e mais tarde doados ao Museu do Índio. Decorridos três anos, noutra investida dos Txikão, é flechado o "capitão" Mehináku, determinando a transferência definitiva da aldeia Mehináku para mais próximo da margem do Culiseiu.

Diante de tais fatos, já em 1952, Claudio Vilas-Boas resolvera tentar a aproximação com os Txikão. Para isso, subiu o rio Batovi com alguns xinguanos e dois Kayabí e, após 18 dias de remo e zinga, topou com uma picada recente dos índios. Seguindo por ela, depois de algumas horas de marcha, encontrou um grupo de 80 Txikão acampados nas matas. Todavia, pressentido pelos índios teve que "bater em retirada" com seus companheiros debaixo de uma saraivada de flechas e, para salvarem-se, teve Claudio que disparar sua arma para o ar diversas vêzes. Apesar de repelidos pelos índios, deixou Claudio na "batida" alguns facões, machados e colares.

Em 1955, nova expedição era organizada pelos Vilas-Boas para tentar mais uma vez contato com os Txikão. Subiram novamente o Batovi e, apesar de vestígios e picadas recentes dos índios, não conseguiram a aproximação desejada, a despeito de terem os Txikão rondado por inúmeras vêzes os

acampamentos da expedição. Novos brindes foram deixados nos locais mais freqüentados pelos índios, como medida necessária nessa fase inicial de "namôro".

Pelos lados do sul, em 1958, resolveu também a Inspetoria de Índios de Mato Grosso tentar a pacificação dos Txikão, aos quais denominava "kayabí brabos". Contando com auxílio de um pequeno avião da "South America Indian Mission", sediada em Cuiabá, foi o Batovi sobrevoado e localizada a aldeia Txikão a cêrca de 195 km em linha reta do P. I. Culiseiu, em território outrora pertencente aos Bakairí do Batovi. Situava-se a mesma a 1 km da margem esquerda do Batovi numa grande clareira, compreendendo uma única maloca de forma idêntica às construídas pelos xinguanos.

Nos primeiros vôos realizados sôbre a aldeia Txikão, tentaram os índios flechar o avião, porém, já nos últimos, permaneciam em expectativa, aguardando o lançamento de pacotes contendo brindes. Nos reconhecimentos aéreos foi também verificada a existência de uma outra aldeia não muito distante da atual, queimada e abandonada, provàvelmente fruto das represálias xinguanas. Para melhor rendimento do trabalho de pacificação, foi mandado fundar um pôsto de atração — P. A. José Bezerra —, a 50 km acima da aldeia, e diretamente ligado ao P. I. Culiseiu.

Quando tudo indicava sucesso na missão, tendo os índios por diversas vêzes rondado o pôsto e recolhido os presentes deixados, em 1959, por falta de recursos negados pela Diretoria do SPI, viu-se a Inspetoria obrigada a abandonar o projeto, fechar o pôsto e recolher o pessoal, voltando tudo à estaca zero.

Nesse mesmo ano novas correrias praticaram os Txikão contra os Mehináku, determinando que, em princípio de 1960, êstes índios, após tantos sustos e sofrimentos, resolvessem uma desforra radical contra os Txikão. Contando com auxílio de outros xinguanos e, principalmente, com o nôvo encarregado do P. I. Cap. Vasconcellos (os Vilas-Boas tinham sido afastados do SPI e da direção do pôsto) que os incitou contra os Txikão, fornecendo-lhes os meios necessários, inclusive munição. Atacaram os Mehináku a aldeia Txikão com armas de fogo, incendiando-a e matando diversos índios. Os sobreviventes abandonaram o local, refugiando-se no baixo Jatobá, junto de sua confluência com o Ronuro, onde os localizou, mais tarde, o avião da missão, vivendo ainda sob tapiris.

Com os poucos dados que possuímos sôbre os Txikão, ou sejam, as fotografias aéreas da aldeia (tomadas em 1958 e 1959), algumas armas e objetos de uso individual recolhidos na aldeia Mehináku (hoje pertencentes ao acêrvo do Museu do Índio), tentaremos uma descrição sucinta de sua aldeia e de alguns aspectos de sua cultura material, baseada nas citadas fontes, acrescidas de informações e observações pessoais.

A aldeia Txikão, então localizada a cêrca de 1 km da margem esquerda do Batovi e, aproximadamente, 195 km do P. I. Culiseiu, compunha-se de uma única casa comunal e diversas outras construções menores. Ocupava a aldeia o centro de uma grande clareira aberta na mata, de onde partiam algumas picadas ligando-a à margem esquerda do Batovi e a outras direções. A população total dessa aldeia, considerando o tamanho da maloca e o número de homens em redor da mesma, por ocasião dos vôos de reconhecimento, poder-se-ia estimar em cêrca de uma centena de pessoas (Prancha I).

A casa, de forma tipicamente xingwana, era de grandes dimensões, de planta elíptica, coberta de palha, teto arredondado, descendo até o chão sem diferenciação de paredes, e com duas aberturas em seus lados maiores. No pátio fronteiro à casa, além de um rancho aberto com telhado em "duas águas" (casa dos homens?), algumas armações de varas, de forma cônica, provàvelmente gaiolas para "xerimbabos". Destas, uma de maior tamanho, com duas varas cruzadas acima do vértice superior do cone, assemelhando-se em forma e construção à "gaiola do gavião" das tribos xinguanas (Prancha II).

Mandioca como elemento básico da dieta alimentar, tendo em vista a quantidade de "pães" secando sôbre varas de madeira e peneiras circulares. Ausência de panelas de barro para preparo de mandioca, substituídas por grandes côchos de casca, alguns dêstes ainda encontrados ao lado da maloca. Ausência também de raladores e esteiras de espremer massa de mandioca, notando-se numa armação à esquerda do rancho algo pendurado semelhante a um tipiti e, acima, um outro apoiado sôbre a mesma armação.

Trançado de peneiras circulares e esteiras; confecção de depósitos cilíndricos de talos para armazenagem de "pães" de mandioca, cabaças e bancos de toros de madeira; fiação de algodão e tecelagem de coifas e sacolas.

As canoas, encontradas em ambas as expedições dos Vilas-Boas nas barrancas do Batovi, são de construção grosseira, lembrando muito as usadas pelos Kayabí, isto é, de casca com as extremidades levantadas e amarradas, sem proa alongada ou em ponta como as xinguanas. Parecem mais grandes côchos. Os remos, por sua vez, são também muito rústicos e mal-talhados.

Quanto à indumentária, embora nada saibamos sobre as mulheres Txikão, visto nunca aparecerem nas fotografias aéreas, os homens andam completamente nus e, com relação ao uso de estojo peniano ou amarração do prepúcio, as informações são contraditórias. Usam cabelos curtos, cortados em linha circular logo acima das orelhas, como os xinguanos, e perfuram os lóbulos das orelhas para inserção de brincos de penas.

Como adornos de cabeça usam uma coifa com cobrenuca, composta por uma touca tecida de algodão, com malhas fechadas, formando em relêvo padrões romboédricos. A touca, partindo do *vertex*, desce até abaixo das espáduas, onde termina em franjas alongadas. Cosidas à coifa, e acompanhando a curvatura da cabeça, duas fileiras convergentes de botões de plumas, terminando para trás em pingentes de franjas. Cada fileira é constituída por dez bastonetes de cana de ubá (*Gynerium sagittatum* Beauv.) revestidos por tufos de plumas amarelas e vermelhas de papo de tucano (*Ramphastos vitellinus ariel* Vigors). A touca prende-se à cabeça por cordeis laterais que se cruzam em linha horizontal na frente (Fig. 2).

Brincos, tipo "botão de plumas", compreendendo um bastonete de cana de ubá, com cerca de 4 cm de comprimento, tendo encastado numa extremidade, um tufo de plumas vermelhas e amarelas de tucano, e na outra, um fio de algodão como pingente (Fig. 3b).

Colares semi-rígidos de fios grossos de algodão envoltos por cordel mais fino do mesmo material. No centro, como pingentes, dois dentes de capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris* Lin.) fixados ao colar por linha e cerol. A parte traseira é constituída pelas pontas livres dos fios centrais do conjunto, as quais servem para amarração (Fig. 3a).

Como armas utilizam arco, flechas e bordunas. Quanto ao primeiro, infelizmente, não conseguimos um exemplar sequer, porém das duas últimas possui o Museu do Índio um

lote de onze flechas (7 doadas pelos Vilas-Boas e 4 por Pedro Lima) e duas bordunas (também oferta de Pedro Lima).

O comprimento das flechas varia, possuindo a maior 1,73 m e a menor 1,26 m. A haste é de cana de ubá (*Gynerium sagittatum* Beauv.) medindo 1,20 m em média. A vareta é cilíndrica, de madeira rija não identificada, de dimensões variadas, com a parte basal fortemente encastoadada na haste e a distal servindo para fixação da ponta ou como ponta propriamente dita. A ponta, segundo a finalidade da flecha, apresenta-se dos seguintes tipos: espeque, isto é, a própria vareta terminando em ponta afinada; lanceolada de osso, fortemente fixada à extremidade distal da vareta; e farpa, também de osso e presa à vareta, servindo para pesca. A emplumação em todos os exemplares é do tipo cimentado ("Peruvian feathering" ou "cement feathering", de Meyer), compreendendo duas meia-penas de gavião-real (*Harpia harpyja* Lin.), niveladas à haste e prêsas por fios e resina. O entalhe para a corda do arco é feito na própria haste. Como decoração da fle-



Fig. 2 — Índios Txikão. Coifa com cobre-nuca de algodão tecido e fileiras de "botões de plumas" (Museu do Índio — Código 3071).

cha, algumas apresentam junto ao entalhe da corda tufo de plumas vermelhas e amarelas de tucano; outras, na parte basal da haste, amarelos de fios de algodão pintados com desenhos lineares pretos, os quais também ocorrem em algumas na parte distal da haste, junto à fixação da vareta. Envolturas



Fig. 3a, b — índios Txikão. Colar de algodão com pingente de dentes de capivara (M. I. Cód. 3075).

Par de brincos tipo “botão de plumas” (M. I. Cód. 3072).

de envira escura cobertas de resina na empunhadura e na fixação da vareta (Fig. 4).

As bordunas, do tipo clava, são curtas, chatas e de forma ligeiramente lanceolada. Feitas de paxiúba (*Socratea exorrhiza* (Mart.) Wendl.) e polidas com cêra, medem aproximadamente 75 cm de comprimento e 15 de maior largura. Num exemplar a empunhadura é destacada do restante do corpo pela talha de dois pequenos dentes ou ressaltos. Noutro, a empunhadura é decorada com um envoltório de algodão, terminando por franjas, e pintado com desenhos angulares pretos opostos pelos vértices. Na empunhadura é ainda fixada uma alça para transporte a tiracolo ou pendurada por trás ao pescoço (Prancha III).

Como plaina e formão usam a mandíbula inferior do porco queixada (*Tayassu tacaju* Lin.), servindo os dentes como ferramenta de corte e alisamento. Para facilitar o transporte é suspensa por uma alça de fio de algodão (Prancha IV).

Como Txikão é nome ou apelido dado inicialmente pelos Bakairí e posteriormente difundido para o Alto Xingu, algumas hipóteses têm sido aventadas para incluir êsses índios como pertencentes ou remanescentes de certos grupos indígenas. A primeira hipótese, fruto da tradicional beligerância entre Kayabí e Bakairí, como já tivemos oportunidade de tratar, é que os Txikão seriam índios Kayabí do Parana-tinga que, fugindo ao contato dos civilizados e da atração e pacificação levada a efeito pelas bandas do Parana-tinga, tivessem emigrado para os rios Jatobá e Batovi e ali se fixado. Atualmente, ainda é voz corrente no P. I. Simões Lopes, como tivemos ocasião de constatar, de que os Txikão são realmente índios Kayabí brabos. Todavia, excetuando-se a tradição Bakairí e a canoa de casca usada pelos Txikão, o pouco que conhecemos de sua cultura material exclui definitivamente essa possibilidade, salvo se houver ocorrido na cultura material dêsses Kayabí uma perda quase total de seus padrões tradicionais, o que seria absurdo admitir. Pelo que sabemos sobre os Kayabí, quer através de Sousa (1916: 73-92), quer por intermédio de Schmidt (1942b: 248-253), os padrões por nós descritos para os Txikão não se ajustam absolutamente aos dos Kayabí, desde o corte de cabelos para homens, até os adornos, armas, etc. A única concordância é, como já frisamos, a canoa de casca, embora seja também um traço cultural de ampla difusão. Acresce que, quando Claudio Vilas-Boas, em 1952, surpreendeu alguns Txikão

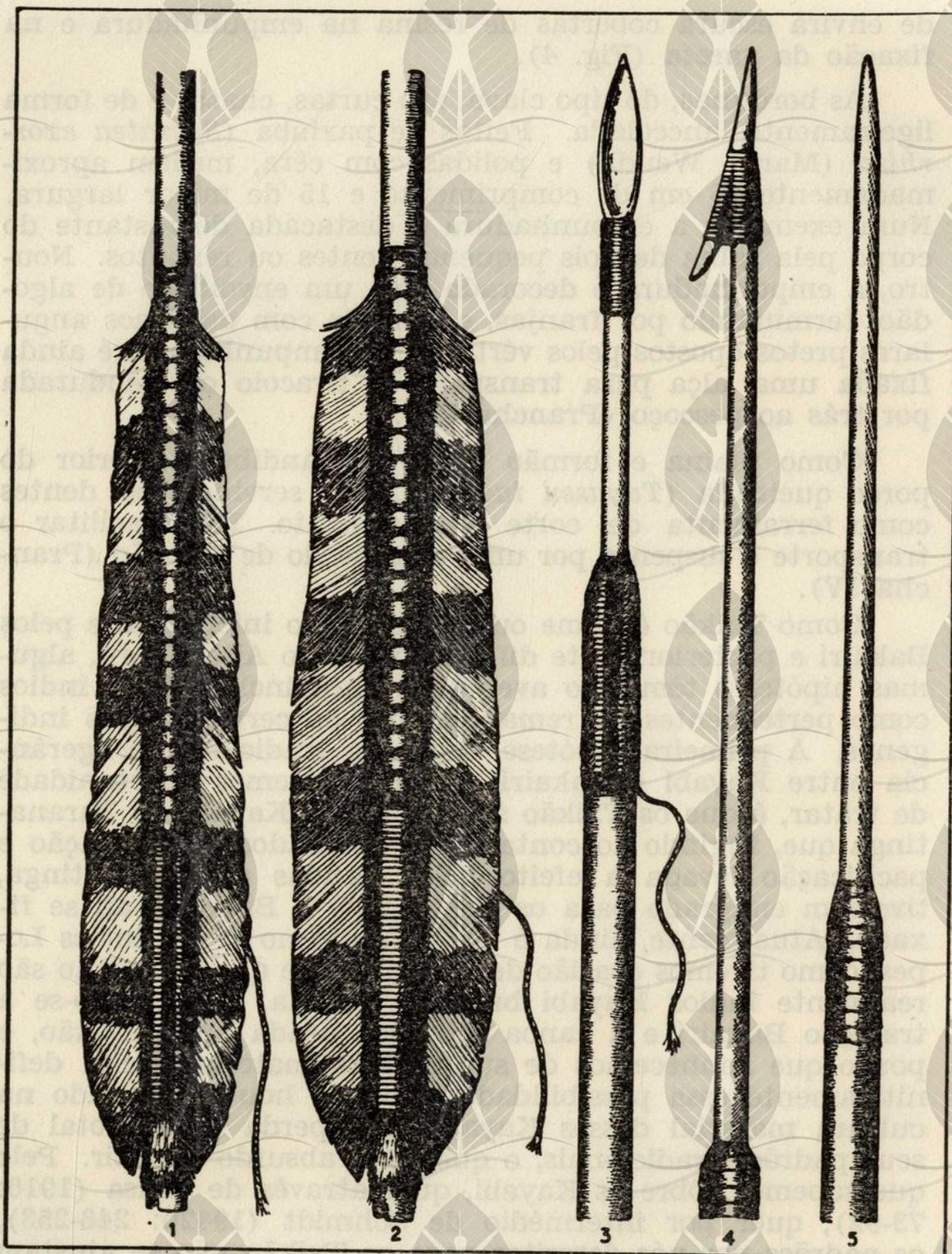


Fig. 4 — Flechas Txikão (M. I. Cód. 4112).

1 e 2 — Empunhaduras de flechas, mostrando detalhes da emplumação e decoração.

3 a 5 — Pontas e decoração das flechas: lanceolada de osso; farpeada de osso e espeque de madeira.

acampados, estava acompanhado por dois índios Kayabí, os quais, segundo nos contou êsse sertanista, não conseguiram entender o que falavam os Txikão.

Outra hipótese é aquela formulada por Galvão (1953: 5-6) que, considerando por um lado a tradição e mitologia dos Kamayurá e por outro a desagregação do grande grupo Kawahyb narrada por Nimuendajú⁽¹⁰⁾, é de opinião que os Txikão e outras tribos hostis do oeste do Alto Xingu sejam grupos remanescentes dêsses antigos Kawahyb do Tapajós, imigrados para os rios Ronuro e Jatobá. Ressalvando o fato dos Kamayurá denominarem indiscriminadamente Kawahyb tôdas as "tribos reais ou imaginárias" que lhes são estranhas e temidas a oeste de seu território tribal (1950: nota 11), Galvão, apoiado nas informações dos Kamayurá⁽¹¹⁾ e na lenda dêstes sôbre a origem do "jôgo do iawarí"⁽¹²⁾, admite a possibilidade de uma identificação dos Txikão com os Kawahyb do alto Tapajós.

Contudo, apesar do valor dessa hipótese numa época pioneira em que pouco ou nada se sabia sôbre os Txikão, em nossos dias, após decorridos mais de 10 anos e de posse de um melhor conhecimento sôbre os mesmos (fotografias, artefatos, armas, etc.) encontramos, como hipótese anterior, as mesmas dificuldades em considerá-los como pertencentes tanto aos Kawahyb descritos por Nimuendajú (1948b: 283-297), quanto aos Tupi-Kawahyb de Lévi-Strauss (1948: 299-305). As únicas exceções são as gaiolas cônicas de varas para aves e a "gaiola do gavião" do Tupi-Kawahyb (Lévi-Strauss, 1948: 300-1), bem como o tipo de "emplumação cementada" por vêzes também empregado pelos Parintintín em suas flechas, citado por Meyer (1898b: 566), o que, aliás, são elementos culturais de larga difusão entre outros grupos do Tapajós, como os Apiaká.

(10) Os Cabahiba ou Kawahyb, grande nação tupi que habitava o alto Tapajós durante o século XVIII, diante da expansão e pressão dos Mundurukú, dividiu-se em vários grupos menores, entre êles os Parintintín e Tupi-Kawahyb, espalhando-se pela região compreendida entre os rios Paranatinga ou São Miguel e Madeira (Nimuendajú, 1948b:283-4).

(11) Assegurou-nos Orlando Vilas-Boas que os Txikão, segundo a tradição dos Kamayurá, são os Aru-patsê, grupo tupi semelhante aos Kamayurá que há muitos anos transferiu-se para o rio Jatobá.

(12) Os Kamayurá remontam aos tempos lendários para explicar a origem do "jôgo do iawarí". Contam êles: "ao tempo de Kwát e Iay, os gêmeos filhos de **Mavutxinin**, o herói civilizador, o **iawarí** era conhecido apenas pelos **Kawahyb**, tribo tida como muito "brava". **Panhetá**, líder ou herói dêstes Kawahyb era o "dono do **iawarí**". **Kwát**, um dos gêmeos Kamayurá jogou o **iawarí** com o filho de **Panhetá**. Embora desconhecesse o manejo do propulsor, foi bem sucedido e matou o filho de **Panhetá**, acertando-lhe um dardo na cabeça. **Kawahyb opáp** — os Kawahyb acabaram-se, comentam os Kamayurá. **Kwát** trouxe o **iawarí** para os companheiros da tribo e lhes ensinou o jôgo" (Galvão, 1950:355).

Outra hipótese, a nosso ver, é que os Txikão sejam aqueles mesmos "Cuiaaús" citados pelos "geógrafo" Suyá e Steinen (1885: 70; 1942: 254-5) ou os Kabishí dos pioneiros, habitantes do rio Ronuro (Steinen, 1940: 191; Meyer, 1900: 125-6), isto é, os remanescentes daquele grupo encontrado por Meyer em 1899, no baixo rio Ronuro. Segundo Meyer, quando de sua descida por êsse formador do Xingu, descobriu uma aldeia indígena próxima à margem esquerda, a qual foi visitada, inicialmente, por seus companheiros da expedição, entre êles Koch-Grünberg. Conforme relataram a Meyer "após andarem cêrca de hora e meia" chegaram à aldeia, composta de uma única casa e com sòmente 4 índios que, surpresos e amedrontados, haviam fugido para a mata (1900: 125). Meyer, posteriormente visitando a mesma aldeia, comenta que compreendia uma única e grande casa comunal, "essencialmente igual ao tipo xinguano, embora houvessem algumas diferenças na construção, fáceis de reconhecer" (ibidem). Observando os utensílios e flechas abandonados na precipitação da fuga, lembra êle que nestas últimas a emplumação era semelhante ao tipo usado no Tapajós, e que suas canoas e remos eram "muito ruins e os remos muito longos e toscos" (idem: 126). Pelas grandes roças na periferia da aldeia, Meyer incluiu êsses índios na família lingüística Aruak, denominando-os Kabishi.

Koch-Grünberg, mais tarde descrevendo essa aldeia por êle visitada naquela ocasião, fornece-nos uma descrição mais detalhada, informando que consistia numa única, grande e bem construída casa comunal, situada no centro de uma extensa e limpa clareira, rodeada de roças muito bem cuidadas, e que, a julgar pelo número de fogueiras armadas, deveria comportar de 30 a 40 pessoas (1902: 359). Ressaltando as diferenças culturais entre essa aldeia e as dos xinguanos, declara que a construção da casa diferia em alguns detalhes daquela do Xingu, bem como pela emplumação das flechas que era do tipo "peruano" ou "cementada" de Meyer, comum no Tapajós (ibidem) e ainda, pela presença do "tipití", elemento estranho no Alto Xingu.

Informa ainda Koch-Grünberg, baseado na palavra de um Bakairí "manso" que o acompanhara na visita à aldeia do Ronuro, que os índios fugidos possuíam no rosto tatuagem idêntica àquela usada pelos Apiaká do Tapajós. Por essa razão Grünberg classifica os índios dessa aldeia como Apiaká, possivelmente, os Parabiteté ou Apiaká brabos do rio São Manuel ou Paranatinga (ibidem).

Confrontando-se os elementos que possuímos sobre os Txikão descritos neste trabalho, com seus correspondentes narrados por Meyer e Koch-Grünberg para aqueles índios do Ronuro, encontraremos uma série de coincidências (tipo de aldeia, forma da maloca, uso de canoas rústicas de casca, remos toscos, presença do tipiti e emplumação cementada) que nos leva, *a priori*, a aceitar uma identificação dos Txikão do Batovi com aquele grupo do Ronuro, que Meyer julgou ser Kabishí e Koch-Grünberg classificou como Apiaká.

Contudo, em que pesem todos os argumentos pró ou contra esta ou aquela hipótese, quer seja ela Kayabí, Kawahyb, Aru-patsê ou Apiaká, um detalhe, pelo menos, é denominador comum a tôdas estas, isto é, a viabilidade de serem os Txikão um grupo tupi. Enfim, aguardemos...

S U M M A R Y

In the area of the Upper Xingu River, besides the well known "Xinguan Indians", there are other Indian groups foreign or peripheral to the cultural context of the area, some of them still hostile.

A summary of the knowledge of such groups as the Jurúna, Kayabi, Kayapó, Suyá and Xavánte is given. The paper focuses on the Txikão, an isolated and warring tribe, which inhabits the upper Batovi river. The description is given of their attacks to the Xinguan tribes, and the reprisal of these as well as the attempts of the Indian Office (SPI) to make peace with them.

Through the documentary aerial photographs of their village, and some artifacts and weapons, an attempt is made to describe some of the aspects of their culture.

The two hypothesis so far presented about their cultural affiliation are discussed: namely being Kayabí or Kawahyb. Basing his judgment on the interpretation of the data collected as well as on the writings of Meyer and Koch-Grünberg, the Author admits the possibility that Txikão are remnants of a tribe first met by these authors, during the year of 1899, on Ronuro river.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BALDUS, HERBERT

- 1938 — Uma ponte etnográfica entre o Xingu e o Araguaia. Revista do Arquivo Municipal XLIII, São Paulo, pp. 7-12.

COUDREAU, HENRI

- 1897 — Voyage au Xingu (1896). Paris.

DINIZ, EDSON SOARES

- 1962 — OS KAYAPÓ-GOROTÍRE. Aspectos Sócio-culturais do Momento Atual. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia n.º 18, Belém.

EHRENREICH, PAUL

- 1929 — A segunda expedição alemã ao Xingu. Revista do Museu Paulista, XVI, São Paulo, pp. 247-275.

GALVÃO, EDUARDO

- 1950 — O uso do propulsor entre as tribos do Alto Xingu. Revista do Museu Paulista, Nova Série, IV, São Paulo, pp. 353-368.
- 1952 — Breve notícia sobre os índios Jurúna. Revista do Museu Paulista, Nova Série, VI, São Paulo, pp. 469-477.
- 1953 — Cultura e Sistema de Parentesco das Tribos do Alto Xingu. Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Antropologia n.º 14, Rio de Janeiro.
- 1960 — Areas Culturais Indígenas do Brasil: 1900-1959. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia n.º 8, Belém.

HINTERMANN, HEINRICH

- 1925 — Beitrag zur Ethnographie der Kuluena- und Kulisevu-Indianer. Verhandlungen der Schweizerischen Naturforschenden Gesellschaft, 106. Jahresversammlung in Aarau, II Teil, Aarau, pp. 176-178.

KOCH (GRÜNBERG), THEODOR

- 1902 — Die Apiaká-Indianer (Rio Tapajós, Mato Grosso). Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte, Jahrgang 1902, Berlin, pp. 50-379.

KRAUSE, FRITZ

- 1936 — Die Yarumá- und Arawine-Indianer Zentralbrasilien. Baessler. Archiv XIX. Berlin, pp. 32-44.

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE

- 1948 — The Tupi-Cawahib. Handbook of South American Indians, Bureau Amer. Ethnol., Bull. 143, Vol. 3, Washington, pp. 299-305.

LIMA, PEDRO E. DE

- 1950 — Os ÍNDIOS WAURÁ. Observações gerais. A cerâmica. Boletim do Museu Nacional, Nova Série, Antropologia n.º 9, Rio de Janeiro.

MEYER, HERRMANN

- 1897 — Über seine Expedition nach Central-Brasilien. Sonderdruck aus den Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde, N.º 3, Berlin.
- 1898a — Im Quellgebiet des Schingu. Landschafts und Völkerbilder aus Central-Brasilien. Verhandlungen der Gesellschaft deutscher Naturforscher und Aerzte. 69. Versammlung zu Braunschweig 1897. Erster Theil. Leipzig, pp. 135-145.
- 1898b — Bows and Arrows in Central Brazil. Smithsonian Report for 1896, Washington, pp. 549-590.
- 1900 — Bericht über seine zweite Xingu-Expedition. Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin, n.º 2 u. 3, pp. 112-128.

NIMUENDAJÚ, CURT

- 1948a — Tribes of the lower and middle Xingú River. Handbook of South American Indians, Bureau Amer. Ethnol., Bull. 143, vol. 3, Washington, pp. 213-243.
- 1948b — The Cawahib, Parintintin, and their Neighbors. Handbook of South American Indians, Bureau Amer. Ethnol., Bull. 143, vol. 3, Washington, pp. 283-297.
- 1952 — OS GOROTIRE. Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios, em 18 de abril de 1940. Revista do Museu Paulista, Nova Série, VI, São Paulo, pp. 427-453.

NORONHA, RAMIRO

- 1952 — Exploração e levantamento do rio Culuene, principal formador do rio Xingu; reconhecimento de verificação no divisor Arinos-Paranatinga; fundação dum Pôsto de Proteção aos Índios; medição e demarcação de terras para os Bacairi. Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Publicação n.º 75 da "COMISSÃO RONDON", Rio de Janeiro.

OBERG, KALERVO

- 1953 — Indians Tribes of Northern Mato Grosso, Brazil. Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology, Publicação n.º 15, Washington.

PETRULLO, VINCENT M.

- 1932 — Primitive Peoples of Mato Grosso, Brazil. The Museum Journal, XXIII, n.º 2, University Museum, Philadelphia, pp. 83-173.

RIBEIRO, DARCY

- 1962 — A Política Indigenista Brasileira. Serviço de Informação Agrícola, Min. da Agricultura, Rio de Janeiro.

SCHMIDT, MAX

- 1942a — Estudos de Etnologia Brasileira. Brasiliana grande formato, vol. II, São Paulo.
- 1942b — Resultados da minha Expedição bienal a Mato Grosso. De setembro de 1926 a agosto de 1928. Boletim do Museu Nacional XIV:XVII, 1938-1941, Rio de Janeiro, pp. 241-285.
- 1947 — Los Bakairí. Revista do Museu Paulista, Nova Série I, São Paulo, pp. 11-58.

SOUSA, ANTONIO PYRINEUS DE

- 1916 — Exploração do rio Paranatinga e seu levantamento topográfico, bem como o dos rios S. Manuel e Telles Pires. Relatório apresentado ao chefe da Comissão Cel. Cândido Mariano da Silva Rondon. Anexo n.º 2, 1915-1916. Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas. Publicação n.º 34, Rio de Janeiro.

STEINEN, KARL VON DEN

- 1885 — Exploração do Rio Xingu, e homenagem tributada aos exploradores. Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, tomo I, n.º 1, pp. 57-83.
- 1940 — Entre os Aborígenes do Brasil Central. Separata da Revista do Arquivo, n.os XXXIV a LVIII, Departamento de Cultura, São Paulo.
- 1942 — O Brasil Central. Brasiliana, Formato Grande, vol. III, São Paulo.

VILAS-BOAS, CLAUDIO & ORLANDO

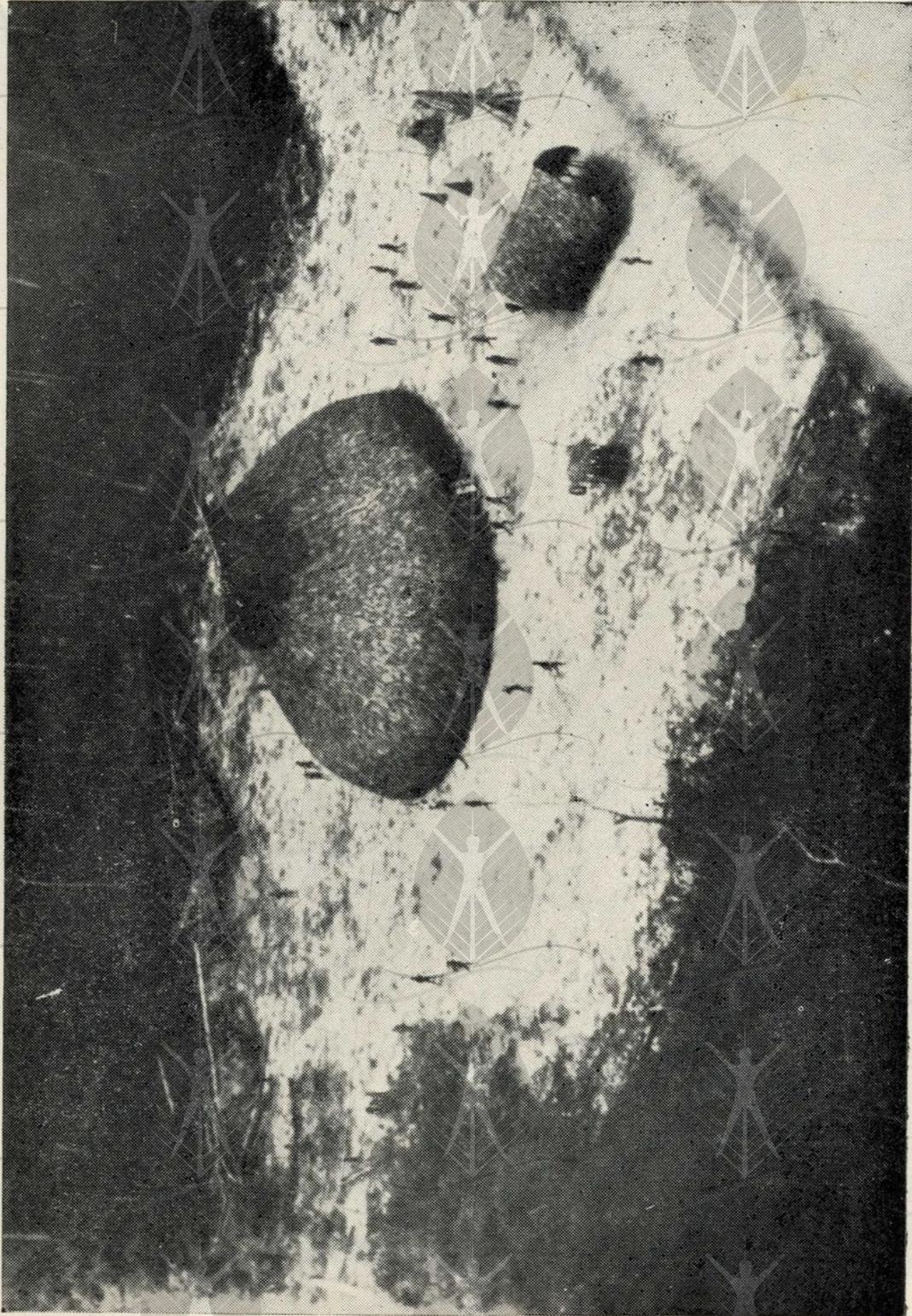
- 1955 — Atração dos Índios Txukahamãi. SPI 1954: Relatório das Atividades do Serviço de Proteção aos Índios durante o ano de 1954. Serviço de Proteção aos Índios, Rio de Janeiro, pp. 79-88.

YOUNG, THOMAS

- 1953 — ms. Relatório de viagem ao Culiseiu apresentado ao Diretor do Serviço de Proteção aos Índios.

Relatórios da Inspetoria de Índios de Mato Grosso (I. R. 6) relativos aos anos de 1912-1960.

Relatórios da Expedição Cinfotográfica do SPI, 1944 e 1945.



Vista aérea da aldeia Txikão (fevereiro de 1959), localizada a 1 km da margem esquerda do rio Batovi e cerca de 195 km do Pósto Culiseiu. (Foto Insp. Mato Grosso — IR6)



Foto aérea da aldeia Txikão (agosto de 1958), mostrando detalhes.
(Foto. IR6)



Índios Txikão. Bordunas chatas e lanceoladas de paxiúba. (M. I. Cód. 4116)



Índios Txikão. Ferramenta de corte e aplainamento feita de mandíbula de "queixada".
(M. I. Cód. 41)



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA